

Leila Navarro

**TALENTO À PROVA
DE CRISE**

Entenda, enfrente e vença os diversos tipos de crise
que acontecem no mundo e dentro de você



THOMAS NELSON BRASIL

Rio de Janeiro
2009

Sumário

CAPÍTULO 1	11
<i>Que história é essa de crise?</i>	
CAPÍTULO 2	21
<i>O microcosmo em um prato da balança</i>	
CAPÍTULO 3	67
<i>No outro prato da balança está o macrocosmo</i>	
CAPÍTULO 4	115
<i>O que a crise tem a ver com tudo isso</i>	
CAPÍTULO 5	179
<i>Agora que você já passou por todos os testes</i>	
CAPÍTULO 6	189
<i>A Carta da Terra</i>	

"Hiv
Positivo"



Capítulo 1

Que história é essa de crise?

Assim como eu, você também já deve ter lido uma daquelas histórias falando de crise que circulam na internet e da qual ninguém conhece o autor. A história a que me refiro define exatamente a visão que tenho da crise econômica mundial que explodiu em setembro de 2008. A cena é a seguinte: imagine a maior orgia acontecendo — e para o bem de todos não irei descrever a tal festa; mas imagine uma festa daquelas que aconteciam na Antiguidade, que ficaram conhecidas como bacanais, das quais os imperadores romanos tanto gostavam —, quando, em meio a toda essa agitação, uma coisa frenética e em pleno andamento, alguém grita: “Tenho aids.” Ai, ai-ai, ai-ai! E você

também já imaginou o que acontece em seguida: todos param imediatamente o que estão fazendo e passam a avaliar a sua situação em particular. “Será que corri riscos, sem saber?” “Bem que eu desconfiava, mas como eu poderia ter evitado?” “Eu também tinha de tirar proveito da situação!” “Se todos estavam participando, por que não eu?” Pois bem, sejam quais forem os questionamentos que os participantes da orgia se fizeram, uma coisa é certa: todos pararam o que estavam fazendo na mesma hora. É assim que vejo, volto a afirmar, a crise financeira que pegou o mundo de calças curtas — para não dizer de calças na mão — em setembro de 2008.

Quando fui convidada a escrever este livro, pensei imediatamente na crise gerada pela bolha imobiliária do mercado norte-americano, que gerou um *tsunami* em todos os mercados financeiros mundiais. Porém, em um segundo movimento, pensei nas outras crises que já aconteceram, tanto em nosso país — que não foram poucas — quanto no mundo em geral.

Nos anos 1990, após experimentarmos a inflação galopante e os sucessivos planos econômicos que prometiam maravilhas, o presidente Fernando Collor de Mello, recém-eleito, confiscou a poupança de todos os brasileiros, causando um grande desconforto na população, sem falar nos problemas de liquidez e de falta de confiança no sistema financeiro, que pareceu frágil e refém dos desatinos de um mandante. No início deste século XXI, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, experimentamos um apagão generalizado não só na energia elétrica, em

consequência da falta de investimentos em infraestrutura, mas também financeiro, como resultado da instabilidade econômica que afastou investidores estrangeiros, fez oscilar tremendamente o valor do nosso real em relação ao dólar e aumentar a conta da dívida externa a ser paga pelos brasileiros. No cenário internacional, vimos vários países passando por crises econômicas, como o México, em 1994, os chamados Tigres Asiáticos, em 1997, a Rússia, em 1998, a Argentina, em 2001. Isso para ficarmos apenas com as crises financeiras.

O ano de 2001 marcou o mundo com outro tipo de crise. Os atentados terroristas que aconteceram nos Estados Unidos em setembro daquele ano, derrubando as Torres Gêmeas e atacando inclusive o todo-poderoso Pentágono, abalaram sobretudo as fronteiras americanas. Ninguém mais podia pôr os pés em solo americano sem tirar os sapatos, literalmente. Isso mexeu com o orgulho do mundo todo. Qualquer um que conseguisse chegar a Nova York ou a Miami teria de tirar os sapatos. Como é que as pessoas se sentiam? Bandidas, pois desconfiavam de todos; suspeitas em potencial, tendo de provar que eram inocentes; despidas de sua moral, de seu caráter, de sua identidade.

Em um terceiro movimento, pensei em como as crises são cíclicas, como volta e meia acontecem e tornarão a acontecer; em como elas acontecem no mundo, no macrocosmo conforme estamos vendo, e como acontecem nas esferas mais próximas a nós: na empresa em que trabalhamos, no comércio do bairro, na casa do meu

vizinho, até chegar ao nosso microcosmo, na minha casa, em mim, em você. E, independentemente do momento econômico que estamos vivendo, pensei em como as crises acontecem na própria vida das pessoas, porque a vida é movimentada por crises constantes. Veja se você concorda comigo: passamos pela crise da puberdade, se quisermos começar a partir dos 10 ou 12 anos, porque, se crise é toda situação para a qual não nos preparamos ou que não sabemos como enfrentar, podemos dizer que a primeira crise começa ao nascermos, quando temos que sair por um “buraquinho” fazendo uma força danada sem saber o que vai acontecer do outro lado. Na própria infância temos diversas crises... Depois, passamos pela crise de identidade na adolescência, pelas crises de ansiedade na vida adulta, pela crise dos “enta”, pela crise da terceira idade... Vem a época da andropausa, da menopausa... Temos as crises esperadas, como essas que citei, e para as quais nunca nos preparamos de fato, e temos as crises inesperadas, aquelas que vêm com as surpresas durante a vida. Não é assim? Para alguns mais, para outros menos.

Há pessoas que dizem: “Parece que convivemos constantemente com a ansiedade, com a incerteza, com a insegurança de não saber por que nem para quê. Não parece que estamos em crise o tempo todo?” São pessoas controladoras que não entendem que a única coisa que podemos controlar na vida são nossos pensamentos e nossos atos, pois o restante é crise, hahahaha... Não! O restante é vida, é realidade, faz parte, é a graça. Gosto da palavra “graça” em todos os sentidos, graça no sentido de

humor, de leveza, e graça no sentido de luz, de estado de graça. Por isso, algumas pessoas chamam a crise de desgraça, e eu penso que seja isso mesmo, pois a desgraça é a possibilidade que temos de encontrar a graça. Vou me explicar melhor: uma desgraça acontece como uma situação desconhecida, e quando atingimos o conhecimento da situação podemos tirar o “des” e criar a graça. Na vida estamos constantemente criando graças a partir de desgraças. Concorda comigo?



E há outras pessoas que parecem encontrar seu verdadeiro caminho só depois de já terem vivido uma vida inteira; outras nem isso, pois sentem como se a vida apenas passasse por elas.

Algum tempo atrás um telejornal apresentou o caso de uma senhora que resolveu estudar medicina e diplomou-se aos 65 anos, depois de ter sido casada e de ter criado filhos e netos, iniciando uma nova carreira. Outra história interessante é a de uma mulher que se afastou da família para ingressar num convento por convicção, deixando claro que a decisão não significava que ela deixara de amar a família. E, para não dizer que essas coisas só acontecem com mulheres, há o caso do missionário que conheci no Chile. Enquanto eu aperfeiçoava meu espanhol naquele país, conheci um ex-médico italiano que abandonara toda sua experiência em pediatria para ingressar em uma congregação franciscana. Depois de tantos anos de profissão, ele dizia ter encontrado sua vocação tardia. Fez os votos de pobreza, doou os bens para o irmão e se embrenhou num projeto missionário pelos desertos do Chile.

E como explicar para as pessoas essas mudanças, esses encontros de caminhos que parecem, ao olhar do outro, que a pessoa agora entrou em uma crise das bravas, abandonando a própria vida, numa crise radical?

Mas o que é crise afinal? Será que esses casos são de crises ou são de experiências vitais?

Existem as crises radicais, que provocam grandes mudanças e aprendizados, e existem as crises braile, aquelas em que você vai tateando, tateando a vida toda e nunca sai dela, nunca muda, nunca aprende, porque não

consegue ver de fato o “bicho” todo. Nesta altura, vejo que eu não sairia da introdução se ficasse descrevendo os vários tipos de crises... Se começássemos a falar de medos, então, dos medos que tudo isso nos provoca... Falaremos, sim, dos medos, em breve.

Mas e qual é a razão de tantas crises em um único ser humano, se todos nós nascemos para ser feliz, para somar, para aprender, para ganhar? Veja que o próprio nascimento é um ato de generosidade, senão dos pais, do grande Criador, do Poder Maior, que a maioria das pessoas chama de Deus.

Pare você também, meu caro leitor, para pensar por um minuto como é o comportamento de uma criança diante da vida. Se ela for bem cuidada, se suas necessidades básicas forem atendidas, a criança é puro deleite diante do mundo que se abre para ela. Depois, conforme cresce, é que ela vai aprendendo que precisa conquistar seu próprio espaço, que ela vai percebendo que há um jogo de exclusão acontecendo a seu redor. Eu aprendi isso desde cedo.

Em toda festa de família, meu tio adorava reunir a criançada para brincar de “dança das cadeiras”. Você conhece essa brincadeira? Juntam-se dez crianças, por exemplo, e nove cadeiras; uma música toca, enquanto as crianças dançam ao redor das tais cadeiras; quando a música para, cada criança deve sentar numa cadeira; a criança que sobrar cai fora do jogo. Brincadeira de criança? Jogo inocente? Pode ser, mas diz muito sobre a cultura de exclusão em que somos criados, concorda?

Mais tarde, na época do vestibular, temos de optar por uma carreira, escolher qual faculdade cursar. Ainda adolescentes, enfrentamos mais um jogo de exclusão, porque não há vagas na faculdade suficientes para todos, e alguns não terão cadeira para sentar. Chega a hora de procurar emprego e outro desafio se mostra. Só os melhores, só os mais bem preparados encontrarão logo uma colocação. E, como se costuma dizer, nesse emprego temos de matar um leão por dia: seja com o concorrente fazendo jogo sujo, seja com o colega de departamento que tenta nos passar uma rasteira. Quando entramos nos quarenta anos, vem também a autoexclusão, porque já nos consideramos velhos demais para determinadas coisas. E assim a vida segue, de desafio em desafio, de exclusão em exclusão, sempre cercados por muitos questionamentos, muitas dúvidas, muitos porquês.

Parece um quadro triste, não? Mas isso ainda não é o pior de tudo. Sabe aonde leva uma vida cultivada nessa cultura de exclusão? Leva-me a acreditar que não haverá cadeira para todos, leva-me a acreditar que não conseguirei sentar em uma cadeira quando a música parar: leva a uma grande crise de confiança, na falta de confiança no outro e na falta de confiança em nós mesmos. Agora me diga como é possível que esse coitado desse ser humano não se sinta vivendo em crise o tempo todo?

Neste livro, caro leitor, vou revelar dicas importantes para você entender as crises, para enfrentá-las, superá-las e até tirar proveito delas, não só da crise econômica à qual me referi no início deste capítulo e da consequente ameaça à confiança no sistema, mas das crises de modo geral, das que ainda virão, porque elas sempre estarão acontecendo.

Epa, epa! Simples assim? Quer dizer que sempre haverá crise? Sim, meu amigo. Sempre haverá, assim como haverá um motivo para cada uma delas. Pode ser que, neste momento, você não se conheça o suficiente para perceber que está diante de uma crise, tanto em nível macrocósmino quanto em nível microcósmino, ou para perceber o que uma crise pode representar em sua vida. Então, mudando de pato pra ganso, para mergulharmos nesta viagem ao *Talento à prova de crise*, vamos ver o que significa o autoconhecimento.

É claro que precisarei da sua colaboração, mas é coisa rápida: basta responder a uns testes que serão propostos no decorrer da sua leitura. Garanto que, ao terminar o livro, você estará mais preparado para tirar de letra as crises que surgirão diante de você.

E, já que falei em testes, vamos à primeira pergunta: para que você acha que serve o autoconhecimento?

- a. O autoconhecimento me fará ser bem-sucedido, pois saber o que quero e o que não quero é a chave do sucesso.
- b. Para eu me apresentar com segurança diante das pessoas; a postura é tudo.
- c. Serve para definir o sistema de crenças e valores nos quais acredito.
- d. No mundo dos negócios o autoconhecimento não vale grande coisa; o que interessa é o conhecimento, o capital intelectual.
- e. Nenhuma das opções anteriores.

Confira sua resposta a seguir...